

Um fingimento necessário: entre a ficção e a realidade

Raymundo de Lima*

“Ele é tão honesto, tão honesto que vai arrebrantar de tanta honestidade. Imagine que ele [Lvov] ontem à noite, ele chegou perto de mim e disse, sem mais nem menos: ‘Conde, eu definitivamente não gosto do senhor!’ Que o diabo o carregue essa sua sinceridade. A honestidade dele é mesquinha e sem piedade” disse Chabéski, personagem da peça “Invánov” de A. P. Tchékhev.

Introdução



Parece-me que a peça de teatro “Ivánov”, de Tchékhev¹, nos desafia a pensar: até que ponto ser verdadeiro, honesto e franco, em qualquer momento, é uma atitude sábia e feliz? Dizer “a” verdade na cara do outro, para cumprir com rigor

¹ Tchékhev se preocupa com este assunto também nos contos: *Um homem extraordinário* e *O homem do estojo*.

“sua” ética pessoal efetivamente proporciona bem estar psíquico e social? Um sujeito supersincero, em ato, é um apaixonado pela retidão moral ou é refém de um egoísmo patológico?

Ainda, o fingimento² moderno, como um marca de hipocrisia e afetação reproduzidos da aristocracia pela burguesia, não seria produto de uma cultura com a finalidade de filtragem dos impulsos primitivos ou selvagens resistentes à civilidade? O que faz a educação de uma criança senão a assimilação de regras sociais que uma vez recalçadas lhe capacita para a convivência minimamente civilizada, ainda que inautêntica? Claro, muito cedo a criança aprende a dissimular seus sentimentos hostis; é forçada a reprimir o choro diante de uma dor, vai à escola resistindo e

² Segundo o Dicionário Aurélio, fingir é fazer crer que é, falsear, simular, parecer mas não é, dar-se ares, querer passar por, enganar.

fazendo de conta gostar dela, enfim, aprende-se a fingir para sobreviver, psíquica e socialmente. Depois, já adultos, aprendemos a fingir gostar de ir as reuniões protocolares, a fazer-de-conta que gostamos de alguém com cargo superior, nos sentimos no dever de acompanhar as últimas homenagens ao morto, etc. Portanto, somos resultado de “...um saber que só germina autêntico depois de fingir primeiro”³.

Voltando à peça, o médico Lvov é interpretado como um sujeito grosseiro, mal educado, e até mesmo cruel ou desalmado, como denuncia o Conde Chabéski, na medida em que suas revelações verdadeiras e duras causam nos seus próximos um *plus* de sofrimento, desnecessário. Mesmo se tratando de uma atitude justificada na deontologia médica de dizer “sempre a verdade do diagnóstico”, termina causando ainda “mais-dor” ao paciente, já fragilizado pela própria doença. Muitos pacientes despreparados quando recebem um diagnóstico fatalista terminam fazendo com que sua doença se agrave ou eleva a probabilidade de suicídio. Por isso, a clínica médica e a deontologia precisam considerar a dimensão afetivo-emocional da relação paciente-médico.

Freud, que construiu a psicanálise “escutando o inaudível, o vergonhoso e incoerente dos seres humanos”⁴, escreve

³ “De fato, no início da aprendizagem, nós não fazemos outra coisa senão imitar os que já sabem: brincamos de falar como nossos professores, fazer como nossos pais, comportar-nos como quem queremos ou gostaríamos de ser..., e *fingimos ser como ele*. E assim, aprendemos. Aprendemos também a ser nós mesmos, um saber que só germina autêntico depois de fingir primeiro...” (CHIA, 2005).

⁴ Observação extraída do livro de Lydia Flemm (1986).

sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana⁵, visando extrair daí um novo entendimento para além da consciência e da moral. Em 1910, escreve *Psicanálise Selvagem*, que sistematiza o que seria o “tato clínico” ou “tato psicanalítico”, isto é, uma atitude especial do sujeito que pretende trabalhar a “verdade do inconsciente” e não a do “pacto ao ego”. Noutros termos, para reconhecer a verdade do inconsciente é preciso forjar uma ética do desejo, que caminha na contramão da moral social e das artimanhas e mecanismos de defesas do ego.

Ora, a ética médica, ao cumprir os princípios do positivismo científico é incapaz de se colocar no lugar do paciente. Porque, na verdade, não existe relação médico-paciente, mas sim, relação entre instituição médica [representado pela pessoa do médico] e o paciente (CLAVREUL, 1983).

Por seu lado, Ivanóv carece de “civilidade sensível”, por exemplo, quando ele diz para sua esposa não mais amá-la, e pronto. Não é o fato de dizer a verdade – esta em especial – mas como ele diz: friamente. Trata-se de uma verdade que fere o narcisismo de qualquer ser humano, sobretudo se for justo, tem o poder de sangrar o ego do sujeito. Mas a desgraçada esposa ainda irá sofrer muito mais quando ele lhe diz, sem rodeios e sem compaixão, *que em breve ela irá morrer de tuberculose*⁶. Neste momento,

⁵ “A Psicopatologia da Vida Cotidiana” consta no volume VI, da Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud, Ed. Imago, 1974.

⁶ No filme “Moulin Rouge”, a personagem Satine representada por Nicole Kidman, é impedida pelo dono do espetáculo de saber qual doença era acometida. Embora o dono do espetáculo tivesse interesse unicamente capitalista, com o argumento

Ivanov atinge em cheio a vontade de viver da mulher. Mais, ele atinge seu sentido de viver. O que o médico Lvov sabia sobre a fatalidade da doença de sua paciente, Ivánov prefere dizer-lhe não para abreviar o seu sofrimento, mas por mero interesse egoísta (Seria sádico?), já que imagina que com a morte da mulher ele teria uma vida livre e sem tédio de homem novamente solteiro, numa época em que aquela sociedade entrava em decadência. No fundo, Ivanov é porta-voz do “diagnóstico” do médico [Lvov] sem a justificativa da deontologia, mas deixando valer apenas seus impulsos primitivos e mesquinhos, portanto, na contramão da polidez.

**Verdade,
fingimento,
polidez**

Será que todos estão prontos para suportar a verdade? “Quanta verdade cada ser humano é capaz de suportar?”, pergunta Nietzsche.

Médicos, psicólogos, psicoterapeutas, assistentes sociais, pedagogos, professores, são alguns profissionais cujas palavras sem cálculo ou sem responsabilidade podem causar efeitos danosos aos seus pacientes. Por exemplo, os cursos de formação de professores, que

de que o “show deve continuar”, talvez causasse um benefício público à própria atriz apaixonada no seu papel de representar. Donde fica a dúvida: é preferível saber a verdade da doença fatal e morrer deprimido e sem glória, ou viver na ignorância do fato e tocar a vida entregue ao trabalho, a arte e a glória?

são “bastante impregnados de moral”⁷, ignoram preparar os formandos também na dimensão afetiva-emocional e ética. Este furo na formação destes profissionais tem facilitado *acting outs* e *passagens* entre professores e formandos⁸. Obviamente, não se trata de os professores e pedagogos fazerem um curso sobre etiqueta social, mas sim, de se responsabilizarem pela sua contratransferência que deve comportar uma ética. A discussão sobre a polidez docente é necessária, mas não suficiente, porque poderia levar o formando à afetação e hipocrisia no ato educante. Ainda que próximo da hipocrisia, da afetação e fingimento, a polidez docente é necessária para o desenvolvimento da relação pedagógica minimamente civilizada, tendo em vista nossa época cuja escola deixou de ser um lugar abrigado da barbárie. A

polidez, esta virtude menor, mas ainda necessária, diz Comte-Sponville (1995), funciona como janela de entrada para o desenvolvimento das outras virtudes e do próprio conhecimento sistemático. Porque não se aprende em meio a barbárie. Há



⁷ Afirmação de Francis IMBERT: **A questão da ética no campo educativo**. Petrópolis: Vozes, 2001. “Os professores [e pedagogos] estão bastante impregnados de moral. Será que possuem uma ética?” (op.cit.).

⁸ Exemplos: depois de uma aula sobre a filosofia existencialista um aluno cometeu suicídio. O bilhete escrito justificava a ‘falta de sentido da vida’, ‘o absurdo da existência’, etc.

sempre um “algo mais”⁹ no ato de ensino, em cada conteúdo, que leva o aluno aprender um todo.

Noutros termos, estes profissionais funcionariam melhor nas suas funções se além do conhecimento curricular, pudessem fazer a análise do seu inconsciente. Porque, muitas vezes, pensamos que sempre falamos na primeira pessoa do singular e, na verdade, somos falados a partir do ‘lugar’ de onde re-produzimos um certo tipo de conhecimento autorizado como saber “todo”¹⁰. Assim, a tradição escolar-universitária obriga o professor fingir que sabe “tudo” sobre o assunto que ensina; um advogado finge que ganhará a causa; um juiz finge ser um exemplo de moral aos seus réus; um policial finge que é imune a corrupção; um político finge que é confiável para bem representar os seus eleitores, e assim por diante.

Noutros termos, cada profissão ou especialidade possui um saber estereotipado, no fundo, fingido, com propósito moral de fazer funcionar a máquina de resultados de cada um. A “estrutura de alienação do saber”¹¹ de

⁹ Este “algo mais” é revelado pelos alunos ao professor no seu último dia de aula, no filme “Madadayo” (1992), de Akira Kuroaawa. O “algo mais” da relação pedagógica é a confiança, o respeito, a consideração, o desejo de aprender dos alunos, etc.

¹⁰ Sobre o Discurso do Mestre e do Discurso da Universidade ver Lacan: *O avesso da psicanálise*. Livro 17).

¹¹ Leny Mrech denomina Estrutura de Alienação do Saber, o discurso prévio de cada profissão ou especialidade, que se revela em respostas padronizadas, quase mecânicas, usadas para escapar da escuta de um outro ou de uma nova idéia mais abrangente. Trata-se de “formas de saber estereotipado que perderam o efeito de possibilitar um contato real entre os sujeitos”. Segundo Mrech, “as estruturas de alienação do

cada profissão ou especialidade tem um razão e uma moral de ser, que obviamente não nos impede de criticar cada qual pelos seus excessos, erros e efeitos ideológicos.

Também nossa estrutura psíquica convive com uma certa alienação do saber. Na segunda tópica, o ego funciona como um “ator” fingido e praticamente sem autonomia já que ele “está em relação de dependência às reivindicações do *id*, bem como quanto aos imperativos do superego e às exigências da realidade”¹². Os mais

saber são formas de ação socialmente determinadas (hábitos, repetições, estereótipos, cláusulas obrigatórias, palavras-chave) que estruturam *o que escutar, o que dizer e o que fazer em um determinado momento* (...) é como se houvesse reificado e esse saber assumisse o controle da estrutura do sujeito” (MRECH, L. **Psicanálise e educação**... São Paulo: Pioneira, 1999).

Na escola e universidade, as estruturas de alienação do saber incluem certos modos estruturados de pensar, que estabelecem desde o que estudar, o que escutar, o que é autorizado perguntar, os autores considerados “mais certos” para serem convidados para um evento, ou um professor escolhido como “meu” orientador; “que projeto de pesquisa é aceito numa dada instituição”. No fundo, aqui, estamos tratando de uma imposição velada para “seguir uma teoria”, ou “seguir um método de pesquisa”, ou até um “modo de ser”. Nessa ambiência há algo – um fantasma – que impede a ousadia para transgredir essa ordem, esse paradigma considerado *a priori* “certo”, “correto”. Estão incluídos nas EAS o discurso de cada curso universitário. Cada um “tece posições simbólicas e imaginárias prévias para o professor. Posições de onde ele parte para analisar os seus alunos, os colegas, a escola, o seu trabalho, etc. O que acaba acorrentando que os determinantes de estruturação de um campo profissional jamais sejam outros” (MRECH, op.cit., p. 14).

¹² Cf.: LAPLANCHE; PONTALIS, 1979, p.171. O funcionamento do ego é defensivo, tanto para o sujeito como para o grupo social. Por exemplo, “depois dos atos terroristas em Londres, a

frágeis – ou cujo ego está fragilizado – geralmente se acovardam diante das situações que cobram atitude de enfrentamento, por exemplo, evitam os lugares marcados por uma tragédia, fogem de personalidades imprevisíveis, críticas venenosas, loucas, perversas ou cínicas¹³. Especialmente, o cínico tende a causar constrangimento social, e, por isto mesmo comete suicídio social.

Ser adulto, psiquicamente falando, é ter aprendido a suportar situações diversas, bem como aprender a usar o fingimento [*personas*¹⁴] conforme os vários espaços sociais.

população, mesmo com medo, não ficou histórica. Todos fingiram estar ‘bem’, isto é, tinha que enviar um recado para o terrorismo de que trata-se de um povo com longa experiência de tragédias, e com uma educação exemplar, que sabe superar tais momentos críticos”, observa Sue Joahansen (s.f.).

¹³ Embora Antístenes seja considerado o fundador do cinismo, Diógenes de Sinope, também conhecido por “Diágenos o cão”, é considerado o símbolo desse movimento ético, que tinha como regra seguir o modo instintivo de ser e viver: destemido, sem preocupação estética e sem preocupação para com necessidades consideradas supérfluas, condição *sine qua non* para o cínico diogeano se pensar livre das etiquetas sociais. No entanto, este modo cínico de viver desencadeia constrangimentos, desavenças e mal-estar psíquico as despreparados e ingênuos. Como diz Mailat (1993) “*lá, onde os homens esquecem as regras da polidez (...) faz surgir às forças da briga, do caos e a barbárie*” (p. 158).

¹⁴ “As máscaras [personas] e o fingimento, atingindo, na experiência ficcional, sua mais alta potência, permitem outramentos protegidos dos riscos de total dissolução e de possíveis implicações patológicas, restituindo, graças ao como-se ficcional, a leveza do devir-criança como aventura por entre os estratos em que se congelam e solidificam as forças da vida” (FERRAZ, 2007).

Fingimento ético da ficção?

Em “O homem que sabia falar javanês”, Lima Barreto parece compreender a atitude fingida de Castro, que embora não soubesse nada de javanês soube realizar o sonho do Barão de Jacuecanga de conhecer o conteúdo de um antigo livro escrito nesta língua, que ele guardava. Assim, o esperto Castro soube contar-lhe histórias, supostamente traduzidas da língua javanesa e proporcionar um final de vida digno ao enfermo. Devemos condenar Castro porque dissimulou saber javanês, ainda que esta falta pudesse ser compensada pela sua habilidade especial de contar histórias que excitava a imaginação do Barão?

Algo parecido acontece no filme “As invasões bárbaras”, quando o professor Rémy, enfermo, recebe no hospital a visita de seus alunos. Não sabe ele que seu filho (um bem sucedido homem do mercado financeiro) havia contratado tais alunos. Ou seja, um gesto fingido também pode ter uma finalidade ético-moral, no sentido de fazer bem-estar ao doente, por exemplo. No entanto, casos terminais ativam a deontologia médica¹⁵ norte-americana no sentido da hipocrisia, isto é, do prolongamento da vida do doente terminal¹⁶. Esta hipocrisia fica mais evidente na discussão atual sobre o sistema de saúde daquele país que é contra o governo Obama fundar um sistema de saúde pública do estado.

¹⁵ Cf.: LANDMAM, J. *A ética médica sem máscara*. Rio: Guanabara, 1985.

¹⁶ Ver o caso Terri Schiavo, em 2005: o fingimento político, religioso, e do sistema de saúde estritamente empresarial daquele país, visavam prolongar uma vida que perdeu o sentido existencial. A decisão da Suprema Corte, de desligar os aparelhos parece menos fingida e razoável.

O fingimento hipócrita na política¹⁷

Nos regimes pseudodemocráticos e ditatoriais, os cidadãos precisam fingir que apóiam o governo imposto. Os governantes também fingem. Saddam Hussein, por exemplo, promovia eleições onde ele obtinha 100% dos votos favoráveis ao seu governo. Aqui, não é verdade que “toda unanimidade é burra”, como dizia Nelson Rodrigues, mas sim, “toda unanimidade é fingida”, sobretudo quando se trata de sobrevivência política. Mas, há um tempo que o povo não consegue suportar fingir que apoia o governo. O que hoje (fev.2011) acontece com o ditador Mubarak, do Egito, aconteceu com tantos outros ditadores.

Por outro lado, os opositores ao regime autoritário, que passam a viver na clandestinidade, por sobrevivência, precisam fingir, dissimular, disfarçar, mentir, fazer de conta que é um cidadão comum, que não se opõem ao governo, etc. Trata-se, neste caso, de um fingimento racionalizado e determinado pelo contexto histórico e político. Portanto, o fingimento nem sempre é um

¹⁷ O fingimento, aqui, não se refere a um fingimento hipócrita, mas do caráter modélico de uma educação que vem do exterior para acabar atingindo o mais profundo interior. Ou seja, o “fingimento civilizado” não é algo inato, mas educado ou transmitido pelos mais velhos aos mais novos. Também não é um fingimento gratuito, fundado na maldade de enganar para obter benefícios, mas sim, trata-se de um árduo trabalho de educação (entendida principalmente como auto-educação), distinto da natureza, que é espontânea (CHIA, 2005).



sintoma burguês ou aristocrata. O fingimento existe desde que o primeiro ser humano aprendeu a obter vantagens com as normas ou regras de civilidade¹⁸. A burguesia apenas modernizou os modos de fingir no meio

social.

No filme “Olga”, Prestes e Olga, clandestinos, precisam fingir ser um casal rico em viagem de núpcias retornando para o Brasil. Curioso observar que foi o estilo burguês adotado que abriu o caminho para a expressão amorosa entre essas duas personalidades duras e focadas na militância socialista. Se porventura um deles quebrasse tal pacto de fingimento, suas vidas correriam risco de prisão e morte.



Fingimento conjugal

É próprio das relações conjugais duradouras os pequenos fingimentos, de ambas as partes: a esposa finge que “não sabe” da existência de um terceiro, o marido cauteloso finge que não percebeu o rombo na conta bancária depois que ela resolveu trocar os móveis da casa. A maioria dos casamentos que duram uma

¹⁸ Cf.: Chia (2005).

vida tem a ver com a capacidade de dissimulação dos dois parceiros. Cada qual funda seu próprio ponto-cego e surdo como “esquema de alienação” do contrato conjugal.

Uma relação conjugal é duradoura desde que o casal saiba fingir confiança total, desejo exclusivo em relação ao conjugue; a mulher finge orgasmo para ele acreditar que ainda a faz gozar, o homem finge que sente atração por ela depois do sucesso da gravidade sobre o corpo; é preciso fingir que não sabe do caso sexual ou amoroso do parceiro, etc. No caso de infidelidade do homem, Nelson Rodrigues põe na boca de um de seus personagens “*nunca dizer a verdade e fingir sempre*”. Ou seja, o teatrólogo recomenda um fingimento cínico para sobrevivência do matrimônio.

É discutível como homens e mulheres devem melhor encaminhar seus afetos e sua sexualidade num casamento monogâmico. “O matrimônio é a tumba do amor” (Nelson Rodrigues). No patriarcalismo tradicional as mulheres são obrigadas a reprimirem seus afetos e desejos, daí elas inventarem formas sofisticadas de dissimulação e solução da libido. Pesquisas revelam que um elevado número de mulheres aprende fingir orgasmo¹⁹. É espantoso que aproximadamente 75% das mulheres, na faixa dos 45-50 anos, não sentem desejo

¹⁹ Elsa Gay, ginecologista e pesquisadora do Hospital das Clínicas/ USP, constatou numa mostra de 106 mulheres na faixa dos 40 anos, a maioria casadas, que 79,25% não estavam satisfeitas com as relações sexuais, 73,58% reclamam da falta de desejo sexual, e 39,62% nunca tiveram orgasmo. (Fonte: Globo Repórter, 2010). Outra sexóloga, apresentadora de um famoso programa de televisão, reapresentado no Brasil pelo canal GNT, Sue Joahansen, enfatiza que “as mulheres são especialistas em fingir orgasmo”.

sexual. E metade nunca teve um orgasmo. Conforme a educação, elas simulam desejo²⁰ e até gozam. Neste sentido, qual é a distância ética entre a mulher convencional e a prostituta que finge desejar o homem que lhe paga, e até finge orgasmo?

Por isso, Schopenhauer exagera que a dissimulação é inata na mulher²¹. Em verdade, o homem não tem acesso à verdade do sentimento, do pensamento e do desejo de uma mulher; a maioria dos homens vive na ilusão de que ‘toda’ mulher tem muito interesse em sexo²². Ora, para a mulher brasileira, sexo é a oitava prioridade na vida. Para o homem, é a terceira, diz a pesquisadora Carmita Abdo (op.cit). Outra pesquisa, divulgada pela revista feminina First, revelou que 40% delas preferem ir às compras a fazer amor!

Portanto, é o homem que prioriza a sexuação. O posicionamento histórico das mulheres prioriza “ser desejada” e jamais reduzida ao ato. Daí, atualmente, elas investirem pesado nas próteses de

²⁰ Cf.: Pesquisa coordenada pela médica Carmita Abdo, da Universidade de São Paulo. Ver conferência no site da CPFL, informado nas referências.

²¹ “...é quase impossível encontrar uma mulher absolutamente verdadeira e sincera” (SCHOPENHAUER, s.d., p.110).

²² O mito da Lilith, que é primeira mulher de Adão, é representante da mulher plenamente erótica, sexualmente ativa e insaciável, foi estigmatizada pela tradição hebraico-cristã como mulher-diabo, mulher-demônio, mulher-fatal, etc. Por isso que a ideologia religiosa de orientação patriarcal ou machista substitui Lilith por Eva, que é feita do mesmo material de Adão. Lilith foi feita de barro, sangue, saliva e esperma, portanto, realmente diferente do homem, em todos os sentidos. Como Deus se arrependeu de Lilith, que além de ativa era rebelde, teve que criar uma nova mulher submissa ao homem, e, claro, a Deus.

silicone, aplicação de botox, compras de roupas especiais, treinamento para aprimorar os movimentos do corpo; ou seja, há um vale tudo feminino para despertar desejo tanto em homens como atrair a atenção entre elas. Coitados dos homens: são vítimas da ilusão e do auto-engano.

Na verdade, no capítulo “sexuação” somos – homens e mulheres – todos dissimulados, fingidos e insatisfeitos. Contudo, jamais dizemos a verdade de nossa insatisfação sexual à parceira ou ao parceiro, salvo quando a relação entrou num estágio de degradação e raiva destrutiva do outro, denominado “terrorismo íntimo” (MILLER, 1995).

Fingindo uma conclusão...

O uso dizer que um tipo especial de fingimento nas relações humanas é necessário e imprescindível para sua sobrevivência, principalmente na sociedade contemporânea. Noutros termos, a franqueza imprudente e hipersinceridade levadas ao extremo podem contribuir para a ruptura das relações já frágeis, conforme maneira de se relacionar na sociedade líquida.

Fingir, dissimular, inventar e até mentir são mecanismos inventados pelas diversas culturas para driblar os altos e baixos das relações pessoais e grupais. Nem sempre a verdade da ciência e as injunções morais tem o poder de beneficiar a todos, sobretudo os que sofrem ou convivem com uma crise existencial e social. A simples aplicação da verdade dogmática sem a contextualização ou sem consideração sobre o outro, pode causar danos irreversíveis, como atuam Lvov e Ivánov, na peça de Tchêkhov, aqui mencionada.

Vários autores clássicos e contemporâneos acreditam que a felicidade é possível desde que saibamos fingir com cálculo, conforme situações e lugares. Pessoas que se fingem bobas, João-sem-braço, tem maiores chances de sustentarem relações sociais difíceis e até serem razoavelmente felizes. E se não podem ser felizes, no mínimo, tocam a vida fingindo amizade, e fingindo até mesmo que a vida vale a pena ser vivida, em todos as situações demasiadamente humanas. *“Devo tomar qualquer coisa ou suicidar-me? Não: vou existir. Arre! Vou existir. “E-xis-tir/ e-xis-tir”*, diz Fernando Pessoa (1980) em *Bicabornato de Soda*. Aliás, Pessoa formulou o lugar do fingimento como condição para a sobrevivência do poeta.

O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente²³.

A busca da verdade tem sido um ponto imprescindível para a sustentação da ética iluminista da humanidade, distribuída em todos os setores da vida humana. O “amor à verdade”, sem dúvida, deve ser um princípio de qualquer ética humana, desde que seja associada a outro “amor” não menos importante: “nunca ferir ninguém” (*Never hurt anybody’s feelings*). Assim como os princípios de “não matar” e “não roubar” são máximas que nem sempre podemos cumprir radicalmente, embora devemos tomá-las como princípios

²³ Retirado de “Autopsicografia”, de Fernando Pessoa (1980). Disponível na internet um trabalho sobre este assunto: SOUZA, Anderson de. **Fingimento e realidade na obra de Fernando Pessoa.**

http://www.cesjf.br/cesjf/documentos/revista_letras_docs/art_alunos/LIT_LING_PORT/Fingimento_e_realidade_na_obra_de_Fernando_Pessoa.pdf

universais da ética, também o é “dizer a verdade, sempre a verdade”. Ora, é impossível dizer “toda” a verdade (Lacan), como é impossível ser 100% honesto-sincero. Estamos distantes do contexto epistemológico-pedagógico de Bacon e Comênio, este último apaixonado pela idéia de aplicação de *um único método de ensino para todos os alunos*. Na pós-modernidade, caminha na contramão da ética “usar de uma *moral única* para todos os casos” (ROUANET, 1992).

O fingimento torna-se necessário quando é regido pela prudência. Além de ser uma virtude cardinal, é a prudência que vigia todas as faculdades, organiza todas as virtudes, e contribui para fundar uma sabedoria prática no sujeito que aspira uma vida digna. O sujeito prudente certamente terá menos motivos para se arrepender sobre o que fez e deixou de fazer na vida. Parafraseando Comte-Sponville (1996): é imprudente ser sempre fingido, como é também é pretensioso ser sempre verdadeiro em todas as situações demasiadamente humanas²⁴.

²⁴ No original: “É imprudente ouvir apenas a moral, e é imoral ser imprudente” (COMTE-SPONVILLE, 1996, p. 44). Tb. disponível em: <http://www.aeradoespirito.net/Livros3/AComteSponvillePequenoTratadodasGrandesVirtudes.pdf>
OBS.: Para aprofundar sobre a prudência, recomendamos este capítulo do autor mencionado. Tb. consultar reflexão de Ramiro Marques, disponível em: http://www.eses.pt/usr/ramiro/docs/etica_pedagogia/A%20PRUD%C3%80NCIA%20EM%20ARIST%C3%93TELES%5B1%5D.pdf

Referências

- ABDO, C. **Desejo, sexo e tchau!** Disponível em: <http://www.cpfcultura.com.br/site/2009/02/28/desejo-sexo-e-tchau-carmita-abdo/>
- CHIA, H. I. **Fingir e Educar – Imitar e Aprender** (o *wei* na educação clássica chinesa). Disponível em: <http://www.hottopos.com/videtur8/fingir.htm>.
- CLAVREUL, J. **A ordem médica: poder e impotência do discurso médico**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- COMTE-SPONVILLE, A. **Pequeno tratado das grandes virtudes**. São Paulo: M. Fontes, 1996.
- FERRAZ, M.C.F. “Fingimento, ficção, máscara: da desqualificação platônica à afirmação nietzschiana”. **Arte Filosofia**. Ouro Preto, n.2, p.71-76, jan. 2007. Disponível em: http://www.raf.ifac.ufop.br/pdf/artefilosofia_02/artefilosofia_02_02_filosofia_05_maria_cristina_franco_ferraz.pdf
- FLEMM, L. **A vida cotidiana de Freud e seus pacientes**. Porto Alegre, 1986.
- FREUD, S. [1910] *Psicanálise ‘selvagem’*. **Edição Standard das Obras Completas de S. Freud**. Imago, 1974.
- IMBERT, F. **A questão da ética no campo educativo**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- IRUSTA, N. *O seminário “O avesso da psicanálise” e os “Quatro discursos” de Jacques Lacan*. In: **Palavração** – rev. da Biblioteca Freudiana de Curitiba, ano 1, no. 1, dez. 1990.
- JOAHANSEN, S. **Programa do GNT**. Sistema Net. Brasil, 2009.
- LACAN, J. **O avesso da psicanálise. Livro 17**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- LANDMAM, J. **A ética médica sem máscara**. Rio: Guanabara, 1985.
- LAPLANCHE, J.L.; PONTALIS, J.-B. **Vocabulário da psicanálise**. Santos: 1979.
- MADADAYO. Filme de Akira Kurosawa. Japão: Continental Home Video. 1992.
- MAILAT, M. “Os dois pequenos cervos”. In: **Da polidez...** Porto Alegre: 1993.
- MARQUES, R. **A prudência em Aristóteles**. Disponível em:

http://www.eses.pt/usr/ramiro/docs/etica_pedagogia/A%20PRUD%C3%8ANCIA%20EM%20ARIST%C3%93TELES%5B1%5D.pdf

MILLER, M.V. **Terrorismo íntimo:** a deterioração da vida erótica. Rio de Janeiro: F. Alves, 1995.

MRECH, L. **Psicanálise e educação:** novos operadores de leitura. São Paulo: Pioneira, 1999.

PESSOA, F. **O Eu Profundo e Outros Eus** (Seleção Poética). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

ROUANET, S.P. *“Dilemas da moral iluminista”*. In: **Ética**. São Paulo: 1992, pp. 149-190.

SCHOPENHAUER, A. *“Esboço acerca das mulheres”*. In: **Dores do mundo**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, s.d.

SOUZA, A. **Fingimento e realidade na obra de Fernando Pessoa**. Disponível em: http://www.cesjf.br/cesjf/documentos/revista_letras_docs/art_alunos/LIT_LING_PORT/Fingimento_e_realidade_na_obra_de_Fernando_Pessoa.pdf

TCHÉKHOV, A.P. **Ivánov**. São Paulo: Edusp, 1998.

VARGAS, M. C. **Manual do orgasmo: sexo e prazer para dois**. 13. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.



* **RAYMUNDO DE LIMA** possui graduação em Psicologia pela Universidade Gama Filho (1980), mestrado em Psicologia (Psicologia Social) pela Universidade Gama Filho (1985) e doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo (2005). É professor do Departamento de Fundamentos da Educação na Universidade Estadual de Maringá (DTP/UEM).